

autor de *Os Sertões* pôde efetivar-se no cargo, de que havia sido injustamente preterido. É um dos Patronos desta Academia. O nome de Farias Brito acabou por alçar-se às culmínias da Cultura nacional, apontado como o maior dos filósofos brasileiros. Marca a sua obra filosófica, de fato, um destacado e preciso divisor, sendo hoje aceito localizar os estudos da Filosofia no Brasil em dois estádios: antes de Farias Brito e depois de Farias Brito. No dizer de Leonel Franca, "aparelhou-se para a sua função de escritor por uma leitura atenta, paciente e meditada de quase todos os que versaram o mesmo assunto nos últimos três séculos, sendo também certo que se orientou pela mais perfeita independência de espírito, sabendo por isso elevar-se acima de muitos preconceitos da filosofia moderna, ao fazer o exame e a crítica das várias correntes filosóficas". Faleceu em 16 de fevereiro de 1917.

Publicou, além de um livro de versos — *Cantos Modernos*, 1889, e uma *Pequena História* sobre os Fenícios e Hebreus, 1891; *A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito Humano*, 1895; *A Filosofia Moderna*, 1898; *Evolução e Relatividade*, 1905 — obras que formam a série *Finalidade do Mundo*; e *A Verdade como Regra das Ações*, 1905; *A Base Física do Espírito*, 1912; e *Mundo Interior*, 1914 — as quais formam a série *Ensaio Sobre a Filosofia do Espírito*.

4

VALDEMIRO CAVALCANTE, Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, em 19 de julho de 1891. Mas, ainda quartanista, foi nomeado Promotor Público de Icó, ali exercendo, paralelamente, as funções de Presidente da Câmara Municipal e de Inspetor Escolar. Em 1890 fora nomeado Secretário da Chefatura de Polícia (hoje, Diretor Geral). Deputado à Constituinte Estadual em 1891. Secretário de Justiça, logo após (1892), em substituição a Farias Brito. Renunciando ao mandato de Deputado, dedicou-se à advocacia e ao jornalismo. Fundou *Colibri* e *Filolitera*. Dirigiu o *Libertador* com Antônio

Sales e Abel Garcia, bem como a *República*, da facção do comendador Nogueira Acioli. Rompendo com este, fundou o *Jornal do Ceará*, em violenta campanha contra o velho governante. Colaborou assiduamente em muitos outros jornais. Pertenceu à Padaria Espiritual, usando o criptônimo Ivan d'Azhoff. Vítima de tenaz doença, faleceu em 3 de fevereiro de 1914.

5

ANTÔNIO AUGUSTO de Vasconcelos. Nascido em Maranguape, a 23 de dezembro de 1852, filho de Justino Augusto de Vasconcelos e Francisca Cândida de Vasconcelos. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1880, e de retorno ao Ceará exerceu a Promotoria Pública de Canindé e Granja. O juizado municipal coube-lhe em Aracati e em Pereiro, mas abandonou duma vez por todas a magistratura em virtude de sua nomeação para professor da Escola Militar do Ceará (1889). Iria dar curso às suas inclinações de educador, tão bem evidenciadas nas comarcas onde demorou e nas quais mantinha pequenos educandários. Extinta a Escola Militar e posto em disponibilidade, recebeu a nomeação de lente do Liceu do Ceará, onde ensinou Geografia, de 1897 a 1898. Criou e dirigiu (janeiro de 1892), com a colaboração do padre José Salazar da Cunha, o Instituto de Humanidades, de tanta fama nos meios educacionais do Estado. Lecionou em várias outras casas de ensino e, dotado de robusta força oratória, eram verdadeiros discursos as suas aulas. Professor da Faculdade de Direito do Ceará, que ajudou a fundar com o Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil (1903). Acabou mestre querido, aureolado do respeito e da amizade verdadeiramente filial dos seus discípulos. No entanto, não soube transmitir à posteridade, em livros, o seu grande saber. Limitava-se às páginas de jornais e de revistas. Um dos fundadores do Instituto do Ceará. Deputado à Assembléia Legislativa do Estado. Surge o seu nome como Patrono na remodelação de 1930.